

Laços e Desenlaces na Literatura

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Laços e Desenlaces na Literatura

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L144	Laços e desenlaces na literatura [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-496-2 DOI 10.22533/at.ed.962192407 1. Literatura – Estudo e ensino. 2. Teoria literária. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 801.95
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Qual seria a necessidade de ensinar literatura na atualidade? Por onde começar o processo de reflexão literária na escola? De que forma? Por que propor uma educação literária urgente?

As respostas para estas questões que abrem a apresentação desta coletânea podem ser encontradas nos vinte e sete capítulos que dão forma à obra, visto que todas as reflexões partem de diferentes concepções, embora tenham um único propósito: orientar o processo de formação dos leitores nas diversas trajetórias da narração. Assim, serão apresentados os sentidos que cada um dos trabalhos traz para o processo de formação dos leitores.

No primeiro capítulo são relatados os resultados da implementação de uma sequência didática realizada com estudantes do sexto ano do ensino fundamental. No segundo capítulo o autor problematiza as questões de ensino e aprendizagem de literatura na contemporaneidade, seu espaço na sala de aula e propõe a realização de uma oficina de leitura literária com a finalidade de contribuir na ampliação dos perfis de leitores. No terceiro capítulo a literatura e a cultura são utilizadas nas aulas de língua estrangeira como sendo uma das muitas possibilidades de ensino.

No quarto capítulo são problematizadas as questões do gênero fantástico na arquitetura. No quinto capítulo, além de relatar e inspira outros docentes dos anos finais do ensino fundamental quanto ao uso do livro-jogo em sala de aula. No sexto capítulo discute-se a ideia de nação e identidade em uma abordagem comparativa.

No sétimo capítulo há a problematização do quanto há de retórico e estético na inclusão das evidências históricas no código linguístico narrativo e isso permite problematizar a estabilidade do conhecimento histórico. No oitavo capítulo parte-se de uma análise das representações do sertão na obra poética *Inspiração Nordestina*, de Patativa do Assaré. No nono capítulo há o apontamento das relações entre cinema, psicanálise e literatura na análise de *Blade Runner e Inteligência Artificial* enlaçadas em Philip K. Dick e Brian Aldiss Freud com *A interpretação dos sonhos* e Lacan com seus estudos acerca do desejo.

No décimo capítulo analisam-se, comparativamente, aspectos da obra *Cidades Mortas*, de Monteiro Lobato e do romance *Malhadinha*, do escritor piauiense José Expedito Rêgo, sobretudo quanto ao ponto de intersecção temática. No décimo primeiro capítulo é feita uma análise sincrônica da ciberpoesia do web-poeta português Antero de Alda e o estilo Barroco, considerado como a primeira manifestação literária, genuinamente, brasileira. No décimo segundo capítulo analisam-se os poemas de José Craveirinha, poeta Moçambicano a partir da teoria da narrativa de viagens por Buesco, 2005, em que trata como a problemática da viagem tem sido fundamentalmente discutida nos estudos literários, apresentando como a imagem poética constrói-se pelo viés da linguagem.

No décimo terceiro capítulo aponta-se como memória individual e coletiva

exerce influência para construir uma identidade cultural e, por último, uma identidade nacional. No décimo quarto capítulo problematiza-se e compara-se a composição dos elementos do gênero fantástico nas obras *Aura*, de Carlos Fuentes e *A outra volta do parafuso*, de Henry James, levando-se em conta a utilização de aspectos atribuídos tradicionalmente ao imaginário feminino na tessitura dos contos. No décimo quinto capítulo discute-se as condições da representação feminina a partir do gênero carta.

No décimo sexto capítulo demonstra-se o erotismo nas principais personagens femininas da obra *Cien años de soledad*, de Gabriel García Márquez. No décimo sétimo capítulo expõe-se uma investigação do *Teatro da Crueldade*, de Antonin Artaud em diálogo com o pensamento nietzschiano acerca do *Trágico* que, por sua vez, reafirma-se com e na presença do deus Dioniso. No décimo oitavo capítulo recuperam-se alguns momentos da história do naturalismo no teatro português, entre 1870 e 1910 trazendo para discussão autores, peças, críticos e teóricos coevos.

No décimo nono capítulo analisa-se como o autor Abdias Neves constrói a cenografia e se posiciona mediante suas produções discursivas literárias na obra *Um manicaca*, 1985. Além disso, nos estudos da Análise do Discurso Literário, o posicionamento do autor é marcado por uma tomada de posição e uma ancoragem em um espaço conflitualístico. No vigésimo capítulo são expostos detalhes dos elementos poéticos que foram o fio condutor do experimento cênico evidenciando uma interação direta com o espaço e as reminiscências que surgem quando o movimento do texto no corpo instaura conexões com memórias coletivas e individuais. No vigésimo primeiro capítulo realiza-se uma abordagem da relação Literatura e Vida Social em *Selva Trágica*, 1959, constituindo-se um testemunho de época, a História dos ervateiros do Mato Grosso e da fronteira Oeste do Brasil, propondo uma interpretação ficcional da possível História dos trabalhadores da Companhia Matte Larangeira.

No vigésimo segundo capítulo aborda-se um pouco da vida de Stanislaw Ignacy Witkiewicz - o Witkacy (1885-1939) e também da sua “teoria da Forma Pura”. No vigésimo terceiro capítulo investigam-se as relações estabelecidas e os sentidos engendrados entre o conto *Entre santos*, 1896, de Machado e o *Diálogo dos mortos*, de Luciano. No vigésimo quarto capítulo analisa-se um dos contos mais emblemáticos de Lawrence, *O Oficial Prussiano*, no que diz respeito à homoafetividade reprimida de dois personagens da trama, *Herr Hauptmann*, um oficial e um jovem soldado sob seu comando, Schöner, que só conseguem exprimir seus desejos por meio da violência física e psicológica.

No vigésimo quinto capítulo investigam-se as diferenças existentes entre o enredo do romance *Um estudo em vermelho*, de Arthur Conan Doyle e da adaptação da obra para o primeiro episódio da série de TV Sherlock (BBC), intitulado “Um estudo em rosa”. No vigésimo sexto capítulo relata-se e analisa-se uma experiência poético-sociológica desenvolvida na disciplina Sociologia para o Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos, em duas escolas públicas da cidade de Sertãozinho,

São Paulo. E, por fim, no vigésimo sétimo capítulo abordam-se as formas de resistência da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis em uma de suas obras poéticas.

Com a leitura de todos os vinte sete capítulos apresentados e organizados nesta coletânea algumas respostas serão produzidas às questões que deram as boas-vindas aos leitores desta coleção, pois somente assim é que será possível compreender os laces e desenlaces da leitura literária na formação de leitores.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
FORMAÇÃO DO ALUNO-LEITOR: UMA PROPOSTA VIÁVEL	
Camila Augusta Valcanover	
Elisa Maria Dalla-Bona	
DOI 10.22533/at.ed.9621924071	
CAPÍTULO 2	13
ENSINAR E APRENDER LITERATURA HOJE	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.9621924072	
CAPÍTULO 3	24
LITERATURA E CULTURA NAS CLASSES DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Melina Xavier de Sá Morais	
DOI 10.22533/at.ed.9621924073	
CAPÍTULO 4	34
A (DES)CLASSIFICAÇÃO DO GÊNERO FANTÁSTICO NA ARQUITETURA	
Aline Stefania Zim	
DOI 10.22533/at.ed.9621924074	
CAPÍTULO 5	43
A APLICAÇÃO DO “LIVRO-JOGO” EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Pedro Panhoca da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9621924075	
CAPÍTULO 6	51
A IDEIA DE NAÇÃO E IDENTIDADE AMERÍNDIA EM <i>MAÍRA E O RASTRO DO JAGUAR</i>	
Cíntia Paula Andrade de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.9621924076	
CAPÍTULO 7	59
A RETÓRICA DA EVIDÊNCIA	
Henrique Carvalho Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.9621924077	
CAPÍTULO 8	66
AS REPRESENTAÇÕES DO SERTÃO EM <i>INSPIRAÇÃO NORDESTINA</i> DE PATATIVA DO ASSARÉ	
Ernane de Jesus Pacheco Araujo	
Silvana Maria Pantoja dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9621924078	
CAPÍTULO 9	77
<i>BLADE RUNNER</i> E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: INTELIGÊNCIA LIBIDINAL E A LITERATURA DE FICÇÃO	
Roseli Gimenes	
DOI 10.22533/at.ed.9621924079	

CAPÍTULO 10	89
DECADÊNCIA: UM PONTO DE INTERSECÇÃO ENTRE <i>CIDADES MORTAS</i> DE MONTEIRO LOBATO E <i>MALHADINHA</i> DE JOSÉ EXPEDITO RÉGO	
Elimar Barbosa de Barros	
José Wanderson Lima Torres	
DOI 10.22533/at.ed.96219240710	
CAPÍTULO 11	103
ECOS DO BARROCO NA CIBERPOESIA CONTEMPORÂNEA DE ANTERO DE ALDA	
Bruna Messias de Oliveira	
Hevellyn Cristine Rodrigues Ganzaroli	
Leonardo José Rodrigues	
Nádia Vieira Simão	
Pâmela Natiele Pereira Bispo	
Viviane Ellen Araújo Pereira	
Débora Cristina Santos e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.96219240711	
CAPÍTULO 12	111
ENTRE POESIA, VIAGEM E ESPAÇOS: REFLEXÕES SOBRE A POESIA DE JOSÉ CRAVEIRINHA	
Vanessa Pincerato Fernandes	
Marinei Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.96219240712	
CAPÍTULO 13	123
MEMÓRIA, IDENTIDADE E NACIONALISMO ÉTNICO E CÍVICO EM NARRATIVE OF THE LIFE OF FREDERICK DOUGLASS, AN AMERICAN SLAVE, WRITTEN BY HIMSELF	
Nilson Macêdo Mendes Junior	
DOI 10.22533/at.ed.96219240713	
CAPÍTULO 14	134
FASCÍNIO E TERROR: AS FIGURAS FEMININAS EM <i>AURA</i> DE CARLOS FUENTES E <i>A OUTRA VOLTA DO PARAFUSO</i> DE HENRY JAMES	
Danielli de Cassia Morelli Pedrosa	
Ana Lúcia Trevisan	
DOI 10.22533/at.ed.96219240714	
CAPÍTULO 15	145
RECEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA CONDIÇÃO FEMININA EM: <i>RESPOSTA A SÓROR FILOTEA DE LA CRUZ</i>	
Margareth Torres de Alencar Costa	
DOI 10.22533/at.ed.96219240715	
CAPÍTULO 16	151
O EROTISMO NAS PERSONAGENS FEMININAS EM <i>CIEN AÑOS DE SOLEDAD</i> , DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ	
Margareth Torres de Alencar Costa	
Thiago de Sousa Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.96219240716	

CAPÍTULO 17	160
A POTÊNCIA TRÁGICA-DIONISÍACA NO TEATRO DA CRUELDADE DE ANTONIN ARTAUD	
Rodrigo Peixoto Barbara	
DOI 10.22533/at.ed.96219240717	
CAPÍTULO 18	171
O TEATRO NATURALISTA EM PORTUGAL (1870-1910)	
Claudia Barbieri Masseran	
DOI 10.22533/at.ed.96219240718	
CAPÍTULO 19	181
A CENOGRAFIA E O POSICIONAMENTO DO AUTOR NO DISCURSO LITERÁRIO DE <i>UM MANICACA</i>	
Érica Patricia Barros de Assunção	
João Benvindo de Moura	
DOI 10.22533/at.ed.96219240719	
CAPÍTULO 20	192
CONVERSAS DE UM POETA COLECIONADOR: A TRANSPOSIÇÃO DA LITERATURA BENJAMINIANA EM DRAMATURGIA PARA O MONÓLOGO “HAVERES DA INFÂNCIA; UM POETA COLECIONADOR”	
Erika Camila Pereira dos Santos	
Cláudio Guilarduci	
DOI 10.22533/at.ed.96219240720	
CAPÍTULO 21	203
OS ERVAIS DE SELVA TRÁGICA: UMA VIA DE MÃO ÚNICA – DEGRADAÇÃO E MORTE	
Jesuino Arvelino Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.96219240721	
CAPÍTULO 22	213
STANISLAW IGNACY WITKIEWICZ – A FORMA PURA E O ÊXTASE MÍSTICO PELA ARTE	
Andrea Carla de Miranda Pita	
DOI 10.22533/at.ed.96219240722	
CAPÍTULO 23	221
UM DIÁLOGO DOS MORTOS À BRASILEIRA	
Iasmim Santos Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.96219240723	
CAPÍTULO 24	232
A VIOLÊNCIA E A HOMOAFETIVIDADE REPRIMIDA NO CONTO <i>O OFICIAL PRUSSIANO</i> , DE D. H. LAWRENCE	
Iêda Carvalhêdo Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.96219240724	
CAPÍTULO 25	241
<i>UM ESTUDO EM VERMELHO</i> VERSUS “UM ESTUDO EM ROSA”: ARTHUR CONAN DOYLE E UMA ADAPTAÇÃO TELEVISIVA	
Maria Luand Bezerra Campelo	
Vanessa de Carvalho Santos	
Wander Nunes Frota	
DOI 10.22533/at.ed.96219240725	

CAPÍTULO 26	251
“O IMPORTANTE PARA O TRABALHADOR É SABER DO SEU VALOR”: ESCRITAS DE SI COMO INSTRUMENTOS DE RESSIGNIFICAÇÃO DA SUBJETIVIDADE DE ESTUDANTES- TRABALHADORES	
Patricia Horta Livia Bocalon Pires de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.96219240726	
CAPÍTULO 27	263
“CANTA, POETA, A LIBERDADE, - CANTA”: A VOZ POÉTICA AFRO-BRASILEIRA DE MARIA FIRMINA DOS REIS	
Juliana Carvalho de Araujo de Barros	
DOI 10.22533/at.ed.96219240727	
SOBRE O ORGANIZADOR	270
ÍNDICE REMISSIVO	271

DECADÊNCIA: UM PONTO DE INTERSECÇÃO ENTRE *CIDADES MORTAS* DE MONTEIRO LOBATO E *MALHADINHA* DE JOSÉ EXPEDITO RÊGO

Elimar Barbosa de Barros

Universidade Estadual do Piauí – UESPI
Oeiras-PI

José Wanderson Lima Torres

Universidade Estadual do Piauí – UESPI
Teresina-PI

RESUMO: Este artigo analisa comparativamente aspectos da obra *Cidades Mortas* de Monteiro Lobato e do romance *Malhadinha*, do escritor piauiense, José Expedito Rêgo, sobretudo quanto ao ponto de intersecção temática. O estudo se fundamentará, principalmente, pela abordagem teórica do *dialogismo* proposta por Bakhtin (2010) para quem uma obra se aproxima de outra pelo gênero, estilo, época, temática, dentre outros pontos. Embora se trate de narrativas escritas em contextos diferentes, e mesmo não havendo em *Malhadinha* nenhuma referência direta à obra de Lobato, é possível perceber, em ambas, o predomínio da temática da decadência de cidades interioranas e consequente declínio moral dos personagens. Estas se encontram, muitas vezes, frustradas, sem perspectiva de vida próspera no espaço onde vivem. Pageaux (2011) pontua que a análise comparatista estabelece diálogos entre literaturas, culturas e tem como elemento essencial “o fator

diferenciador”. Esta pesquisa pretende, pois, relacionar as obras citadas para que, discutindo a tônica da decadência, identifiquem-se os possíveis *elementos diferenciadores* que revelam, em cada contexto, as particularidades de sentido do ponto de intersecção que as une. **PALAVRAS-CHAVE:** (Dialogismo, Literatura Comparada, Cidades Mortas; Malhadinha)

DECADENCE: A POINT OF INTERSECTION BETWEEN DEAD CITIES OF MONTEIRO LOBATO AND MALHADINHA JOSÉ EXPEDITO RÊGO

ABSTRACT: This article aims to analyze comparatively aspects of the work *Dead Cities* of Monteiro Lobato and the novel *Malhadinha*, by the writer Piauí, José Expedito Rêgo, especially as to the point of intersection. The study will be based, mainly, by the theoretical approach of dialogism proposed by Bakhtin (2010) for whom one work approaches another by the genre, style, time, thematic, among other points. Although there are written narratives in different contexts, and even though there is no direct reference to Lobato’s work in *Malhadinha*, it is possible to perceive in both the predominance of the theme of the decadence of interior cities and consequent moral decline of the characters. These are often frustrated, with

no prospect of a prosperous life in the space where they live. Pageaux (2011) points out that comparative analysis establishes dialogues between literatures, cultures and has as essential element “the differentiating factor”. This research aims, therefore, to relate the cited works so that, discussing the tonic of decay, identify the possible differentiating elements that reveal, in each context, the particularities of sense of the point of intersection that unites them.

KEYWORDS: (Dialogism, Comparative Literature, Dead Cities, Malhadinha)

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nos contos que compõem a obra *Cidades Mortas* de Monteiro Lobato é recorrente a temática da decadência de cidades e do homem no interior do Brasil, no início do século XX, tendo como cenário principal a região do Vale do Paraíba. O presente trabalho faz um estudo comparativo a respeito dessa temática, verificando como a mesma aparece no romance *Malhadinha* do piauiense José Expedito Rêgo, no qual se percebe a tônica de uma cidade em declínio e personagens sem perspectiva de realização pessoal ou profissional.

De acordo com o dialogismo bakhtiniano (2010), uma obra se aproxima de outra, pelo gênero, estilo, época, temática, dentre outras possibilidades. Conforme Pageau (2011), a análise comparatista estabelece diálogos entre literaturas, culturas e tem como elemento essencial “o fator diferenciador”.

Desse modo, iluminado pela teoria de Bakhtin (2010) sobre o dialogismo no romance e pela abordagem de Pageaux (2011) sobre o comparatismo, este trabalho estabelece relações entre as obras citadas tendo a temática como elemento principal dessa aproximação. Apoiado, ainda, nos postulados de Otávio Paz (2005) sobre inovação e modernidade e na abordagem de Candido (2009) sobre literatura e sociedade discutimos a hipótese de que a temática da decadência aproxima as duas obras; e, por meio dela, se identifica o “fator diferenciador” de natureza “dialetizada”, por ser ao mesmo tempo, traço de modernidade em ambas as obras.

Nessa abordagem, os objetos principais são os contos *Cidades Mortas*, *A vida em Oblivion* e *Um homem de consciência* da obra de Lobato; e *Malhadinha*, de José Expedito Rêgo, com o olhar especialmente voltado para os acontecimentos relacionados à trajetória de vida da personagem Nelson.

2 | ANCORAGEM TEÓRICA

A abordagem comparativa dos estudos literários é um método relativamente novo, marco inicial - século XIX. Esse método comparativo não é exclusivo da literatura, já que, conforme Steiner (2001, p. 151). “[T]odo ato de recepção, em linguagem, em arte e em música é um ato comparativo”. Por esse viés, sempre que o leitor entra em contato com uma obra que lhe seja nova, ele busca nela traços

familiares que lhe permita conhecê-la, compreendê-la.

Em literatura, segundo Pageaux (2011) a análise comparativa não tem como prioridade a “comparação” em si, como atividade cognitiva elementar, mas visa, em princípio, estabelecer relações; refletir sobre os diálogos entre literaturas, culturas; observar pontos convergentes e divergentes. Para se desenvolver esse tipo de estudo, o elemento essencial, de acordo com Pageaux (2011, p. 19), é a diferença, ou o que ele chama de “fator diferenciador”. Embora, se declare adepto da tendência que busca sublinhar e equacionar fatores diferenciadores, Pageaux não ignora a tendência que busca por semelhanças ou pontos comuns.

[...] Pelo contrário: afinidades, correspondências, parecenças, traços comuns, paralelismos, transposições, superposições, comparações, e – sobretudo – princípios de analogia são as estratégias de uma reflexão ou de uma pesquisa profundamente “comparatista”. Eu ainda acrescentaria um outro fator que se encontra no cerne desses estudos: a noção de diálogo. (PAGEAUX, 2011, p. 20)

Por em diálogo diferentes sistemas artísticos é uma das atividades que norteiam o trabalho de uma análise comparatista. Isso acontece até mesmo quando se está orientado pela tendência que busca o “fator diferenciador” de duas obras, pois “O diálogo pressupõe a convergência de dois distintos pontos de vista, sua aproximação; e, em seguida, sua separação e diferenciação – ou, em outros termos, o acesso a uma síntese que vai além dos pontos iniciais.” (PAGEAUX, 2011, p. 20). Nessa concepção, o estudo comparatista que trilha os caminhos do diálogo estabelece reflexões, criando um elo que possibilite perceber as semelhanças e diferenças do objeto em análise.

O diálogo é, portanto, e simultaneamente, a convergência de dois espíritos e sua necessária divergência. O diálogo simboliza uma outra forma de espírito profundamente comparatista: a via da conciliação, primeiro passo rumo à síntese. Estamos no próprio cerne da reflexão comparatista, de suas exigências intelectuais. (PAGEAUX, 2011, p. 20-21).

Na visão de Pageaux (2011), o *fator diferenciador* é a tendência que melhor define o estudo comparatista; assim, na tentativa de evitar o uso abusivo do termo diferença, este teórico alerta para o fato de que há dois tipos de diferenças: a *diferença absolutizada* e a *diferença dialetizada*. No primeiro caso, trata-se de uma diferença, binária, a qual não interessa ao estudo comparatista em literatura, porque não permite a observação de nenhuma evolução, transformação, ou seja, não há possibilidade de reflexão. Nele há, apenas, a constatação de que uma coisa é diferente da outra, do tipo “A X B”. “Em contrapartida, a *diferença dialetizada* decorre de um raciocínio que dispõe A, em seguida opõe B a A, para que C apareça como solução à oposição.” (PAGEAUX, 2011, p. 21). Desse modo, a *diferença dialetizada* não busca visualizar os aspectos que sejam apenas dicotômicos em si.

Um estudo que olha para a *diferença dialetizada*, compara dois textos, encontra neles um ponto que lhes seja comum e lhes una. É uma proposta de abordagem da literatura que comunga com as reflexões do estudioso Mikhail Bakhtin, precursor no

estabelecimento do conceito de *dialogismo* – uma das categorias caras à análise e compreensão do romance.

Nessa perspectiva, a obra estabelece simultaneamente um diálogo entre, ou com, os elementos internos e externos à obra. Com a elaboração dessa teoria, Bakhtin objetiva:

“eliminar a ruptura entre o “formalismo” e o “ideologismo” abstratos no estudo do discurso literário. A forma e o conteúdo estão unidos no discurso, entendido como fenômeno social – social em todas as esferas da sua existência e em todos os seus momentos – desde a imagem sonora até os estratos semânticos mais abstratos.” (BAKHTIN, 2010, p. 71).

Ao estabelecer o conceito de *dialogismo*, em literatura, Bakhtin direciona suas reflexões para a prosa, principalmente para o estudo do romance que, segundo ele, é por natureza dialógico, visto que “A linguagem do romance é construída sobre uma interação dialógica ininterrupta com as linguagens que a circundam”. (BAKHTIN 2010, p. 191). Desse modo, o texto de um romance dialoga com suas vozes internas e com os diversos contextos sociais, discutindo as tensões existentes entre o homem e sua maneira de estar no mundo.

Por sua natureza dialógica, o “romance é o único gênero em evolução, por isso ele reflete mais profundamente, mais substancialmente, mais sensivelmente e mais rapidamente a evolução da própria realidade.” (BAKHTIN, 2011, p. 400). Sendo, pois, um gênero em evolução, o romance é responsável pela própria evolução da literatura, na modernidade, pois, “somente o que evolui pode compreender a evolução”. (BAKHTIN, 2011, p. 400). O romance expressa as tendências evolutivas do novo mundo. Por isso, pela sua instabilidade, e pela capacidade de captar e representar as mais diversas esferas sociais, os mais complexos comportamentos humanos, é que Bakhtin afirma que a “teoria da literatura revela sua total incapacidade em relação ao romance” (BAKHTIN 2011, p. 401).

As reflexões acerca do dialogismo introduzem nos estudos literários uma nova maneira de se estudar o texto em prosa, principalmente o romance, vendo-o como um todo que apresenta uma série de relações de sentidos com outro texto, outras épocas, outros lugares. Fazer uma análise comparativa pela perspectiva do dialogismo é buscar as relações de sentidos que se podem estabelecer entre dois textos. Sejam eles classificados como modernos ou não, segundo Bakhtin, manterão alguma relação com a tradição, ou seja, com as obras que permanecem “no grande tempo”.

Não é o objetivo primeiro, deste estudo, discorrer sobre a problemática da invenção, imitação, inovação ou ruptura com a tradição. Mas, é importante destacar, aqui, o que pontuou Otávio Paz a respeito da arte na modernidade, porque as obras que analisaremos são obras do século XX, época em que o ideal de ruptura e modernidade se disseminou nas artes e na literatura. Além disso, as reflexões de Paz, assim como as de Bakhtin, falam da probabilidade de diálogo entre as artes, da

possibilidade de um encontro dos tempos.

O que distingue a modernidade é a crítica: o novo se opõe ao antigo e essa oposição é continuidade da tradição. A continuidade se manifesta antes como prolongamento ou persistência de certos traços ou formas arquetípicas nas obras; agora se manifesta como negação ou oposição. Na arte clássica a novidade era variação do modelo; na barroca, uma exageração; na moderna, uma ruptura. Nos três casos a tradição vivia como relação, polêmica ou não, entre o antigo e o moderno: o diálogo das gerações não se rompia. (PAZ, 1996, p. 134).

Paz (1996) conduz à percepção de que não existe ruptura absoluta na arte, nem mesmo na arte moderna. No modernismo, o que acontece é que se cria uma outra tradição: a tradição da ruptura. Assim, a literatura comparada visa, justamente, à superação do absolutismo, seja regional, seja universal, conforme Steiner (2001). É nessa mesma perspectiva que Paz fala em *arte da conjunção*. “As obras do tempo que nasce não estarão regidas pela ideia da sucessão linear e sim pela ideia de combinação; conjunção, dispersão e reunião de linguagens, espaços e tempos. A festa e a contemplação. *Arte da conjunção*”. (PAZ, 1996, p.137).

Uma arte que deixe de ser apenas *contemplação estética*, para ser também, e de novo, *ação e representação coletiva*, é uma arte que está intimamente relacionada com a história social de um dado povo. No caso do Brasil, de acordo com Candido (2009, p. 01), o desenvolvimento da literatura, desde sua origem, esteve ligado à história social do País; muito embora, o teórico alerte para o fato de que não se deve achar, por isso, que os fatos históricos sejam determinantes dos fatos literários.

A criação literária traz como condição necessária uma carga de liberdade que a torna independente sob muitos aspectos, de tal maneira que a explicação dos seus produtos é encontrada, sobretudo neles mesmos. Como conjunto de obras de arte a literatura se caracteriza por essa liberdade extraordinária que transcende as nossas servidões. Mas na medida em que é um *sistema de produtos* que são também *instrumentos de comunicação entre os homens, possui tantas ligações com a vida social*, que vale a pena estudar a correspondência e a interação entre ambas. (CANDIDO, 2009, p. 01, grifo nosso).

Nesse texto, Candido mostra que no Brasil, como a literatura está ligada a “aspectos fundamentais da organização social, da mentalidade e da cultura brasileira, em vários momentos da sua formação”, é praticamente impossível deixar de notar a ligação existente entre a literatura e a sociedade. Esse elo fica vivamente perceptível, ao se observar “como as sugestões e influências no meio se incorporam à estrutura da obra – de modo tão visceral que deixam de ser propriamente sociais, para se tornarem a substância do ato criador.” (CANDIDO, 2009, p.1).

Em vista disso, principalmente, a partir do século XIX, no Brasil, a literatura passou, por meio da vertente realista, a fazer uma sondagem da questão social do País e desnudar condições de vida precária, ou fora dos padrões, e apresentar isso à sociedade, por meio da ficção.

Desde o início, a ficção brasileira teve inclinação pelo documentário, e durante o século XIX foi promovendo uma espécie de grande exploração da vida na cidade e no campo, em todas as áreas, em todas as classes, revelando o País

aos seus habitantes, como se a intenção fosse elaborar o seu retrato completo e significativo. (CANDIDO, 2009, p. 09).

Por meio dessa reflexão de Candido, a literatura brasileira do Romantismo ao Modernismo tem contribuído para formar uma consciência nacional. Pois, numa sociedade estratificada, com profundas marcas do regime escravocrata, existiram escritores e intelectuais que reforçavam os valores impostos pela classe dominante, mas que puderam, por outro lado “usar a ambiguidade do seu instrumento e da sua posição para fazer o que é possível nesses casos: dar a sua voz aos que não poderiam nem saberiam falar em tais níveis de expressão” (CANDIDO, 2009, p.15).

Por esse prisma, tendo como objeto investigativo obras literárias brasileiras, é possível desenvolver pesquisas que visem perceber não apenas o valor estético, mas também que relacionem a este valor o conteúdo artístico intimamente ligado a fatos históricos do País. As obras, objeto desta pesquisa, exemplificam bem essas questões pontuadas por Candido, pois ambas são obras do século XX, nas quais se podem observar, em tom irônico, muitas críticas feitas a questões sociais do Brasil, correspondente à época de ambientação de seus respectivos enredos.

Willian Roberto Cereja, no livro “Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura” (2005), contrastou e aproximou as ideias de teóricos como Antônio Candido, Mikhail Bakhtin e Hans Robert Jaus. A partir disso, demonstrou como a teoria desenvolvida por esses estudiosos, apesar de ter sido construída em contextos, e com focos, diferentes, apresentam aspectos comuns no que tange ao tratamento que se deve dar à análise literária na contemporaneidade, propondo, justamente, uma análise que consiga dialogar com os tempos e os espaços.

“Uma linguagem particular no romance representa sempre um ponto de vista particular sobre o mundo, que aspira a uma significação social”. (BAKHTIN, 2010, p. 135). É, pois, essa linguagem particular, mas de aspiração social que este ensaio pretende investigar quando propõe um estudo dialógico entre *Cidades Mortas* de Monteiro Lobato e *Malhadinha* de José Expedito Rêgo. Visando, igualmente, elucidar, entre elas, pontos de intersecção que permitam estabelecer o paralelo que nos “obriga a ver e a ler de outra maneira” (PAGEAU, 2011 p. 37) e que favoreça a abertura de uma nova porta em direção às possibilidades interpretativas da obra de José Expedito Rêgo.

3 | DECADÊNCIA: UM PONTO DE INTERSECÇÃO TEMÁTICA ENTRE CIDADES MORTAS DE MONTEIRO LOBATO E MALHADINHA DE JOSÉ EXPEDITO RÊGO

“Ali tudo foi, nada é. Não se conjugam verbos no presente.

Tudo é pretérito”. (LOBATO)

Analisando as reflexões de Candido (2009) e de Bakhtin (2010) referenciados no item anterior, é notória, em ambas, a preocupação com o estudo literário que

contemple a apreciação dos elementos internos e externos da obra, sem que se privilegie um, em detrimento do outro. Numa proposta de investigação dialógica, por meio da qual se compara duas obras, muitos aspectos podem ser observados e escolhidos como foco de análise e/ou aproximação de textos de autores contemporâneos ou de épocas diferentes, tais como: estilo, tema, gênero, tradição, linguagem, dentre outros.

Já foi dito que a abordagem a se desenvolver, neste trabalho, visa aproximar comparativamente os contos, citados mais alto, de *Cidades Mortas* de Monteiro Lobato e o romance *Malhadinha* de José Expedito Rêgo; examinando, entre esses textos, a presença de *ponto de intersecção* temática, na expressão de Jaus (1994). Vale salientar que não há em *Malhadinha* trechos que se reportem imediata e diretamente ao texto de *Cidades Mortas*. No entanto, esse fator não anula a possibilidade de se abrir um diálogo entre essas narrativas.

Isso porque, no procedimento investigativo dialógico, são vários os pontos que se podem colocar em discussão, mesmo que estes não estejam expressos, claramente, no texto. Conforme Cereja (2005, p. 166), é permitido explorar os *pontos de intersecção temáticos; por gêneros; pela tradição ou projeto estético*, dentre outros. Para qualquer que seja a proposta, considerar o diálogo entre algum desses elementos do texto literário é o que possibilita o procedimento dialógico, ou o dialogismo nos estudos literários.

É salutar observar que quando se fala “*em ponto de intersecção*” (JAUSS, 1994, p. 48) não se está falando, necessariamente, em elementos que sejam idênticos em ambos os textos. Pois, uma abordagem dialógica implica uma abordagem comparada na qual “o processo semântico é um processo de diferenciação. Ler é comparar.” (STEINER, 2001, p. 153). Destarte “O *diálogo* é, portanto, e simultaneamente, a *convergência* de dois espíritos e sua *necessária divergência*” (PAGEAUX, 2011, p. 21, grifo nosso).

Dessa forma, busca-se identificar com esta análise um *ponto de intersecção* entre essas duas obras ou, para retomar a expressão de Pageaux (2011), um *fator diferenciador* que justifique a hipótese de que tal diferença é *dialetizada*, devido ao fato de se perceber elementos diferentes, opostos, mas que convergem em um ponto comum. A existência desse ponto é o que se irá discorrer, a partir de agora.

Umás tantas *ciudades moribundas* arrastam um viver decrépito, gasto em chorar na mesquinhez de hoje as saudosas grandezas de dantes. [...] Erguem-se por ali soberbos *casarões apalaçados*, de dois ou três andares, sólidos como fortaleza, tudo *pedra, cal* e cabiúna; *casarões* que lembram ossaturas de megatérios donde as carnes, o sangue, a vida para sempre refugiram. (LOBATO, 2007, p. 21, grifo nosso)

A *Cadeia Velha* vivia *abandonada*, os muros caindo, o quintal coberto de melão-de-são-caetano, xiquexique nascendo na cumeeira. Foi construída por Pedro Cronemberger, ao tempo da presidência de Manoel de Sousa Martins. Em cima funcionava a Casa da Câmara, embaixo a cadeia, o quarto do sal e outras torturas medievais. As pragas e maldições dos presos que ali sofreram o suplício da

coroinha e regime de sal sem água abalaram os alicerces do *sobrado de pedra e cal*. (RÊGO, 1990, p.115, grifo nosso).

É perceptível nos excertos anteriores, a presença de elementos que identificam, nos seus respectivos enredos, a decadência de cidades que outrora tiveram dias de glória. Expressões como “umas tantas cidades moribundas”, no texto de Lobato, e a “Cadeia Velha vivia abandonada”, no de Expedito, remetem a espaços físicos, a cidades em declínio. A referência a *casarões ou sobrados de pedra e cal*, em ambos os textos, remete à ideia de cidades prósperas, nas quais se construíam verdadeiras fortalezas com a mão-de-obra escrava, onde, certamente moram os ricos dessas cidadezinhas. Além disso, se nota com facilidade, em cada um desses contextos enunciativos, resquícios, marcas ou consequências do período de colonização do Brasil.

É, pois, a temática, que permeia a narrativa de Lobato e de Expedito, ora citadas, sob a qual se traduz a noção de decadência (econômica, social e cultural) de cidades interioranas, que possibilita uma aproximação entre esses dois textos literários. No diálogo entre essas narrativas, identificam-se, em contextos, ligeiramente, diferentes, reflexos da situação de vida em cidades do interior do Brasil, cuja questão política, econômica, social encontrava-se em declínio.

Cidades Mortas é um livro de contos do escritor paulista Monteiro Lobato, publicado em 1919, pela Revista Brasil; é também o nome de um dos contos presente neste livro em que se destacam outros cujos títulos: *A vida em Oblivion*, *Os perturbadores do silêncio*, *Vidinha ociosa*, dentre outros, por si, já remetem à ideia de decadência, de marasmo, ou de morte, dos espaços retratados nos contos. “A cidadezinha onde moro lembra soldado que fraqueasse na marcha e, não podendo acompanhar o batalhão, à beira do caminho se deixasse ficar exausto e só, com os olhos saudosos pausados na nuvem de poeira erguida além”. (LOBATO, 2007, p. 27).

Esse fragmento do conto *A vida em Oblivion* exemplifica, dentre tantas outras possibilidades, que a temática dessa obra de Lobato é, principalmente, refletir a decadência econômica e social do cotidiano de cidades do interior de São Paulo, situadas na região do Vale do Parnaíba. Por muito tempo, essas cidades prosperaram por meio do cultivo de café. Mas, ora se encontram em descida em relação à questão econômica; situação esta, também, evidente nos trechos abaixo do homônimo *Cidades Mortas*:

Só os velhos sons coloniais – os sinos, o chilreio das andorinhas na torre da igreja, o rechino dos carros de boi, o cincerro de tropas raras, o taralhar das baitacas que em bando rumoroso cruzam e recruzam o céu.

Isso, nas cidades. No campo não é menor a desolação. Léguas a fio se sucedem de morraria áspera, onde reinam soberanos a saúva e seus aliados, o sapé e a samambaia. Por ela passou o Café, como um Átila. (LOBATO, 2007, p. 23).

A escrita em maiúscula, do nome Café e sua comparação com Átila, sugere a

ideia de que, naquela cidadezinha, um dia, o café foi como um pai que alimentou e deu vida àquele lugar, mas que, agora, com os “Cafezais extintos” (LOBATO, 2007, p. 23), tudo se encontra entregue ao marasmo, sem perspectiva nenhuma para seus habitantes. O que restou, foi “o deserto – o tremendo deserto que o Café Atila criou”. (LOBATO, 2007, p. 24). O silêncio simboliza a vida parada, na cidade morta; e “os sons coloniais”, que inda se ouvem, são reflexos do que ficou do “período áureo” daqueles espaços.

De maneira semelhante, em muitos momentos do romance *Malhadinha* é notória a alusão à sonolência da cidade onde a narrativa é ambientada: “Oeiras cochilava às margens do riacho benfazejo, a vida prosseguia.” (RÊGO, 1990, p. 113). Ademais, como se identifica no trecho citado da obra de Lobato, no romance do piauiense, é explícita a relação a elementos que assinalam o período colonial no Brasil: “Dona Cândida Residia perto da Casa da Pólvora, velho depósito de munições do *tempo colonial*, nas proximidades da Igreja do Rosário [...]”. (RÊGO, 1990, p. 122, grifo nosso).

Além disso, em ambos os textos, destacam-se objetos que marcam a maneira como a religiosidade, desse período, era parte do cotidiano dessas cidadelas. A título de exemplo: no trecho de Lobato, os sons dos sinos e dos pássaros na torre da igreja eram o sinal de vida na cidade morta, visto que estes eram os únicos sons que ali ainda se ouviam. Em *Malhadinha*, é comum, no decorrer da narrativa, a descrição dos espaços internos e externos das igrejas, e se evidencia em vários instantes do enredo que as pessoas se orientavam pelos sons dos sinos e pelas horas indicadas no relógio da igreja Matriz: “O relógio da Matriz marcava as três da tarde”. (RÊGO, 1990, p. 78, grifo nosso).

No trecho citado da obra de Lobato, o narrador esclarece que o problema do declínio econômico e social não se dá, apenas na cidade, mas “No campo não é menor a desolação”. (LOBATO, 2007, p. 23). Esse mesmo fato é constatado no romance piauiense, em análise, no qual se encontra a personagem Nelson morando na zona rural – na fazenda Malhadinha – em virtude da doença da esposa. Mesmo sendo conhecedor do marasmo cultural da cidade de Oeiras, ele prefere voltar para lá, a ter que permanecer no campo onde tem menos, ainda, o que fazer. “Esperava que a mulher desse menos trabalho. Se piorasse, levá-la-ia para Oeiras e a trancaria num quarto gradeado. Falecia outro recurso, nem se prenderia o resto da vida à Malhadinha”. (RÊGO, 1990, p. 49).

Quando, então, quase todos os filhos saem da Malhadinha, o retrato pintado pelo narrador é o de um lugar em ruína, sem alegria. “Marcou-se a viagem de volta a Oeiras. A casa ficaria triste, os velhos cansados a se arrastarem pelos quartos e corredores, ouvindo o silêncio da saudade sem fim”. (RÊGO, 1990, p.148.).

Os exemplos anteriores ilustram o pensamento de Candido (2009, p. 09) sobre a ideia de que a “ficção brasileira desde o início teve inclinação pelo documentário, explorando a vida na cidade e no campo”. Os fatos mencionados dos enredos são

muito importantes para a construção e desenvolvimento da temática de cada uma dessas obras, estão imbricados com fatos da história do Brasil, ora no Sudeste, ora no Nordeste, respectivamente, “como se a intenção fosse elaborar o seu retrato completo e significativo”. (CANDIDO, 2009, p. 09).

Além disso, a linguagem é clara e objetiva, deixa evidente a mensagem que pretende transmitir, mas é perceptível a ironia. A exemplo, cita-se o conto *O homem de consciência* cujo título não remete diretamente à noção de decadência, como na maioria dos contos de *Cidades Mortas*, porém o enredo demonstra exatamente isso. João Teodoro, a personagem principal percebe que sua cidade não tinha mais jeito e afirma “Decididamente, a minha Itaoca está se acabando...” (LOBATO, 2007, p.187). É irônico e até jocoso o motivo que levou a personagem a esta constatação. Ele começou a pensar na ideia de, também, se mudar de lá, “mas necessitava dum fato qualquer que o convencesse de maneira absoluta de que Itaoca não tinha mesmo conserto ou arranjo possível.” (LOBATO, 2007, p.181). O fato que o convenceu disso foi sua nomeação ao cargo de delegado. Nesse instante, ele resolveu ir embora, afirmando: “Terra em que João Teodoro chega a delegado eu não moro.” (LOBATO, 2007, p. 182).

Vê-se, pois, que em *Cidades Mortas*, a tônica de cidades decadentes sem perspectiva de vida para seus habitantes é recorrente. As marcas do realismo são, também, inegáveis nesses contos. No entanto, é nítida a intenção de Lobato com uma estética regionalista de produção, inclusive, no registro da linguagem das personagens, e do marasmo da vida sem ter o que fazer naqueles lugarejos onde as personagens são chamadas de:

“Mesmeiros” que todos os dias fazem as mesmas coisas, dormem o mesmo sono, sonham os mesmos sonhos, comem as mesmas comidas, comentam os mesmos assuntos, esperam o mesmo correio, gabam a passada prosperidade, lamuriam do presente e pitam – pitam longos cigarrões de palha, matadores do tempo. (LOBATO, 2007, p. 27-28).

Lobato demonstra o cotidiano monótono de cidades interioranas e, ao caracterizar a vida das personagens, usa de ironia para criticar a sociedade e seu processo de desenvolvimento desordenado. Essa técnica atrelada à liberdade com que utiliza a linguagem, criando neologismos, confere a essa obra traços de modernidade.

Quanto à forma (enredo, tempo, narrador), os contos não apresentam ruptura em relação à estética anterior, a novidade se dá justamente pela temática e pela linguagem irônica, por meio da qual ele crítica e denuncia aspectos relacionados ao atraso sociocultural do País. Ao lado de outros escritores Pré-modernistas, ele foi precursor em olhar e denunciar questões de sua terra, “das cidades mortas” - vítimas da “era de ouro do café”. Essa maneira de articular as questões de sua terra em histórias, possivelmente, sem muitas ambições de inovação estética, dera à obra de Lobato o caráter de modernidade, de ruptura.

Na sociedade duramente estratificada, submetida à brutalidade de uma dominação baseada na escravidão, se de um lado os escritores e intelectuais reforçaram os valores impostos, puderam muitas vezes, de outro, usar a ambiguidade do seu instrumento e da sua posição para fazer o que é possível nesses casos: dar a sua voz aos que não poderiam nem saberiam falar em tais níveis de expressão. (CÂNDIDO, 2009, p. 15).

É o tom de denúncia, ao demonstrar a desolação de uma cidadezinha no interior do Piauí, que também leva José Expedito Rêgo, no romance *Malhadinha*, a dar “voz aos que não poderiam ou saberiam falar”. Por se tratar de um romance, essa obra traz em si um texto de natureza dialógica, conforme Bakhtin, por isso nela se podem perceber muitas vozes. Interessa, para este estudo, observar a “voz da personagem Nelson”. Na observação dos acontecimentos relativos a essa personagem, notar-se-á o comparatismo que se quer demonstrar entre esses dois textos.

Se o *fator diferenciador*, na expressão de Pageaux, é o elemento principal ao se buscar uma análise comparatista, vale começar a descrever tais diferenças. Monteiro Lobato retrata o cotidiano de cidadezinhas no interior de São Paulo, Sul do País, no início do século XX, tempo em que tais cidades estavam perdendo (ou já haviam perdido) a riqueza econômica em virtude do declínio da monocultura do café, naquela região. Além disso, *Cidades Mortas* é um livro de contos, no qual se encontram várias histórias separadas e ao mesmo tempo unidades pelo tema geral da obra.

O romance *Malhadinha* foi publicado no fim do século XX (1990), mas o enredo é ambientado em fins do século XIX, na cidade de Oeiras, então, interior do Piauí. *Malhadinha* é também, no contexto enunciativo, o nome de uma fazenda de gado, próspera na região onde se passa parte do enredo desse romance. Como na obra de Lobato, há referência ao espaço rural e urbano de lugares Brasil a fora. Nesse romance, observa-se que não há uma história por meio da qual se narre a trajetória de uma personagem central, mas há várias histórias que se inter-relacionam em torno de uma temática maior: a decadência da cidade e do homem que nela habita.

Eis, pois, o *ponto de intersecção* que liga essas duas obras. Embora José Expedito não se refira diretamente à obra de Lobato, é perceptível que dialoga com ela no que diz respeito à temática e seus desdobramentos. A *diferença dialetizada*, que se identifica nesse ponto de intersecção entre essas obras, refere-se aos motivos que conduzem à decadência dos espaços representados. Na narrativa de Expedito Rêgo, apresenta-se uma cidadezinha do interior do Brasil que prosperou, no período colonial, em torno de fazendas de gado, não de café.

A expansão dessa cidadezinha foi fator determinante para emancipação e nascimento de um novo estado brasileiro: o estado do Piauí. Entretanto, no instante da narrativa, o retrato dessa cidade é o de um espaço que se encontra em declínio, em total esquecimento político, econômico, não porque a produção de gado esteja migrando para outras regiões, como aconteceu com o cultivo de café no sul, mas porque a cidade perde o status de capital e todas as implicações políticas, econômicas

sociais e culturais decorrente disso. A obra de José Expedito Rêgo faz alusão à perda de poder político da cidade de Oeiras.

Observa-se que do século XVII a início do século XIX, o povoado que surgiu em torno de uma fazenda (a Cabrobó, depois Vila da Mocha) prosperou e deu origem a uma cidade que conseqüentemente foi significativa para a emancipação de seu respectivo estado. Foi em Oeiras, em 1823, sob a liderança de Manuel de Sousa Martins, o Visconde da Parnaíba, que se proclamou a adesão do Piauí à independência do Brasil. Esta cidade, Oeiras, manteve-se como capital por 92 anos, e nesse período prosperou. Era a mais importante cidade do novo estado, sede do governo, lugar onde se decidia a vida política, econômica e cultural do Piauí.

Certamente, foi nesse tempo que se construiu boa parte das construções destacadas na obra de Expedito Rêgo como “grandes casarões e sobrados antigos”, pertencentes ao governo e aos fazendeiros da região. Em 1852, a capital do Piauí muda-se para Teresina e Oeiras entra em declínio. Em conseqüência, “o século XX chegou com Oeiras num marasmo cultural que prejudicou o desenvolvimento da cidade”. Desenvolvimento este, só retomado, a passos lentos, na era Vargas quando se construiu, já no século XX, obras públicas como o Cine Teatro Oeiras, o Passeio Leônidas Melo, o Mercado Público, dentre outras. Estas construções, juntamente com outras do período colonial, hoje, fazem parte do Centro Histórico de Oeiras, tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional.

No contexto enunciativo do romance *Malhadinha*, é o espaço de decadência de fins do século XIX (tempo em que Oeiras não mais era a capital do Piauí) que Expedito Rêgo retrata. A personagem Nelson, filho de um fazendeiro rico e proprietário da fazenda Malhadinha, é um médico, formado no Rio de Janeiro, e que “voltou à fazenda depois da defesa da tese de doutoramento, em 1875” (RÊGO, 1990, p.19). Porém, não encontra espaço adequado para exercer a profissão e crescer profissionalmente.

Exercer medicina em Oeiras não prometia futuro. O velho hospital se encontrava imprestável. A última restauração, feita por Polidoro Burlamaqui, em 64, foi de pouco proveito. Com a mudança da capital, Oeiras entraria em declínio. (RÊGO, 1990, p. 19).

Observa-se que o narrador, assim como na obra de Lobato, é onisciente, narrador típico da estética do século XIX. É pela voz desse narrador que se vai conhecendo a situação de Nelson, o qual “[...] Exercia a profissão na ex-capital cada vez mais decadente” (REGO, 1990 p.12), e sua respectiva insatisfação por morar naquela cidade.

Em *Malhadinha*, como em *Cidades Mortas*, o marasmo da vida cotidiana da cidade afeta a conduta das personagens que também aparecem moralmente em declínio, sem perspectiva de vida. Além disso, nesse romance, ao trabalhar a ideia de espaço decadente, o autor faz uma ironia fina aos costumes antigos, e à maneira como eles interferiam na vida das personagens.

A exemplo, destaca-se o fato que leva Nelson, mesmo insatisfeito com a vida, permanecer na cidade decadente. Trata-se de um compromisso feito, pela família, em sua tenra juventude, segundo o qual ele deveria se casar com a prima Rosa. Ao se formar em medicina no Rio de Janeiro, ele retorna para Oeiras. E, para cumprir a palavra, casa-se, já sem amor.

Os dois anos ou pouco mais de morada no Barreiro tiveram felicidade na aparência. Nelson enchia-se de tédio, no sem-que-fazer da vida interiorana. Passara a viver às custas do sogro, não tinha emprego, não apareciam doentes [...] (REGO, 1990 p. 19-20).

É notável que Nelson está na mesma situação dos “Mesmeiros” de Lobato. E a situação, em *Malhadinha*, que endossa a ideia de costumes arcaicos, diz respeito à questão de Nelson ter mantido o compromisso com a mulher, ou com a família, mesmo depois que a esposa enlouquecera. Assim, no sem-que-fazer daquela cidade decadente, a conduta moral de Nelson também entra em declínio.

Deu para beber, talvez em demasia, juntava-se com alguns amigos num quatinho reservado, em casa do Benedito Miúdo, no Condado. Tomavam conhaques, comiam linguiça frita e jogavam cartas ou dados. Muitas vezes não voltava em casa para almoçar nem jantar, entrava pela noite, chegava ao Barreiro de madrugada. Rosa esperava sempre, acordada, os olhos vermelhos de chorar. Ele se deitava sem comentários, sem justificativa, sem carinho. [...] De manhã [...]. Montava a cavalo e seguia para a casa de Benedito Miúdo, na vidinha de sempre. (REGO, 1990 p. 19-20) p. 20).

Desse modo, observa-se que diferentemente de João Teodoro, Nelson não encontrou o motivo que o faria sair de sua cidadezinha desolada. Isso só aconteceria se sua outra prima, com quem passou a manter um relacionamento amoroso escondido, engravidasse, porque desse modo, ele se sentiria encorajado para fugir com ela; mas, Raquel era estéril. Esse fato reforça a ideia de falta de perspectivas de realização pessoal naquela cidade. Além disso, a questão de a obra apresentar um distanciamento temporal de quase um século em relação ao tempo de publicação e ambientação reforça, por meio da estrutura, a ideia de decadência que perpassa todo o romance *Malhadinha*.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que se discutiu neste trabalho, que não esgota as possibilidades de diálogo entre essas duas obras, pode-se conjecturar que o *ponto de intersecção temática* que as liga ou as une é exatamente a ideia de decadência social e moral que permeia seus enredos. Esse ponto de contato apresenta-se como *fator diferenciador*, pelo fato de que em cada texto os motivos e os espaços da decadência são outros, são diferentes, mas não são totalmente opostos. “De fato essas são as condições de todo encontro, de todo diálogo: nem princípio de identidade absoluta, tampouco absoluto afastamento”. (PAGEAUX, 2011, p.38).

Desse modo, *tal diferença é dialetizada* em virtude de denunciar, embora em

regiões diferentes e distantes, a condição política, social e cultural de abandono em que esteve (está) submetidas as pessoas em muitas cidadezinhas de um mesmo País: um Brasil cuja história de colonização e opressão de variada natureza, inda hoje causa gemidos.

Pontua-se, ainda, que quanto à estrutura, ambas as narrativas, apresentam uma estética oscilante com marcas da estética realista e traços de inovação do modernismo. Dentre estes se destaca a capacidade que tais autores tiveram de dar voz a esses referidos gemidos e desnudar situações que, embora particulares, significam fatos sociais e apresentam fotografias de partes de um mesmo Brasil.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estática da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini (et al). 6ª ed. São Paulo: Hucitec editora, 2010.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura de dois gumes**. In: Literatura Brasileira LBN3 Unicamp – 2009.

CEREJA, William Roberto. **Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com a literatura**. São Paulo: Atual, 2005.

LOBATO, Monteiro. **Cidades Mortas**. São Paulo: Globo, 2007.

PAGEAUX, Daniel-Henri. **Musas na encruzilhada: ensaios de Literatura Comparada**. Org. Marcelo Marinho (et al). São Paulo: Hucitec, 2011.

PAZ, Otávio. **Signos em Rotação**. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 2005)

RÊGO, Expedito de Carvalho. **Malhadinha**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1990.

STEINER, George. **O que é Literatura Comparada**. In: Nenhuma Paixão Desperdiçada: Ensaios. Tradução de Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro. São Paulo: Editora Record, 2001.

Oeiras (Piauí). Disponível: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Oeiras_\(Piau%C3%AD\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Oeiras_(Piau%C3%AD)). Acesso em 13 maio de 2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptação 241

Análise 6, 20, 181, 182, 183, 186, 191, 241

B

Brasileira 5, 50, 102, 105, 169, 250, 263, 265

C

Cenografia 181, 184

Cinema 82, 86, 87

Cultura 33, 76, 86, 87, 121, 132, 133, 150, 180, 250

E

Educação de Jovens e Adultos 6, 251, 252, 253, 262

Ensino 6, 1, 2, 32, 43, 50, 66, 94, 102, 123, 251, 253, 262

Ensino Fundamental 1, 2, 43

Ensino Médio 6, 32, 251, 253, 262

Erotismo 151, 152, 159

Estético 150

Estudos 32, 105, 121, 174, 176, 180, 202

Experiência 194

H

Homoafetividade 232

I

Identidade 123, 132, 135

L

Leitura literária 13

Linguagem 161, 169, 191

Literatura 2, 6, 11, 13, 14, 23, 32, 33, 41, 50, 58, 59, 75, 76, 77, 86, 89, 102, 105, 110, 111, 112, 113, 114, 120, 121, 134, 136, 150, 183, 191, 203, 204, 240, 253, 254, 263, 265, 269

M

Memória 123, 125, 132, 150, 194

Monteiro Lobato 5, 89, 90, 94, 95, 96, 99

N

Naturalismo 171, 174, 180, 189, 190

O

Obra 116, 117, 119, 121

Oficina 19

P

Pensamento 106, 107, 193

Personagens 30, 151

Psicanálise 86, 87

Q

Questões 102

R

Romance 108, 171, 180

T

Teatro português 171

Texto 9, 10, 24, 34, 77

V

Vida 6, 160, 167, 203, 224

Violência 232

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-496-2



9 788572 474962